

**RESENHA DO LIVRO  
MADE IN CHINA: (IN)FORMALIDADES, PIRATARIA E REDES SOCIAIS  
NA ROTA CHINA-PARAGUAI-BRASIL**

BOOK REVIEW  
MADE IN CHINA: (IN)FORMALIDADES, PIRATARIA E REDES SOCIAIS NA ROTA  
CHINA-PARAGUAI-BRASIL

*Lizandro Lui \**

**Referência completa da obra resenhada:** PINHEIRO-MACHADO, Rosana. **Made in China: (in)formalidades, pirataria e redes sociais na rota China-Paraguai-Brasil.** São Paulo, Hucitec: Anpocs, 2011.

**E**ste livro é fruto de uma tese de doutorado em Antropologia defendida por Rosana Pinheiro-Machado em 2009 na Universidade Federal do Rio Grande do Sul e premiado pela Anpocs em 2010 como a melhor tese de Ciências Sociais e pela CAPES como melhor tese de ciências humanas.

A autora vem desde a graduação estudando o processo de circulação global de mercadorias. Ela começou a estudar os ambulantes de Porto Alegre e viu que todo aquele universo representava apenas a ponta de um iceberg de uma cadeia global de produção e venda de mercadorias ou com ela gosta de dizer: bugigangas. Na pesquisa de mestrado, ela estudou o fluxo de vendas desses produtos que vinham da China e entram no Brasil pelo Paraguai. A pesquisa de mestrado consistiu no estudo dessas relações comerciais na fronteira Brasil-Paraguai. A presente resenha pretende esboçar um pouco acerca do trabalho desenvolvido pela autora no doutorado em que ela foi para a fonte: a China.

Um importante trabalho se desenvolve a partir de então. Relações de poder no que se refere ao Estado fiscalizador, “produtos de marca” e “produtos copiados”, comércio internacional e cultura material são debatidos ao longo do trabalho. Tendo como ideia a cadeia global de mercadorias a etnografia se dá em diversos lugares, “multissituada” (para esse conceito, a autora toma por base o trabalho de George Marcus de 1995 “Ethnography in/of the World System: The emergency of Multi-Sited ethnography”. Annual Review of Anthropology) como a própria autora coloca.

Com o trabalho desenvolvido na China, a autora nos traz um importante conceito: “Guanxi” que consiste numa malha de relações sociais que legitima e sustenta o modelo de desenvolvimento e produção entre empresários e autoridades na China. Um modelo de reciprocidade que é estabelecido naquele local.

Rosana Pinheiro-Machado relata que a motivação de estudar esse assunto começou na graduação, numa disciplina de Antropologia que ela escolheu observar os camelôs no centro de Porto Alegre. Com este tema ela fez a monografia de final de graduação. No mestrado ela se colocou um novo desafio: queria saber como aquelas bugigangas de 1,99 chegavam até Porto Alegre. Por isso fez a etnografia dos sacoleiros que saíam de Porto Alegre e iam até o Paraguai. A autora conta que morou alguns meses em Foz do Iguaçu e no Paraguai e conheceu alguns chineses que lá eram comerciantes.

No projeto de doutorado em Antropologia Social da UFRGS, ela propôs estudar a fonte de todo esse ciclo: China. Ela aprendeu a mandarim e foi morar em Hong Kong. Com a ajuda de sua informante Feifei (filha de um general chinês aposentado), ela pode visitar as fábricas e conhecer os empresários.

Na parte em que a autora fala da sua metodologia, ela afirma que fez uma etnografia multissituada. Apesar dos riscos que se assume fazendo esse tipo de etnografia, ela pode tomar consciência de toda essa cadeia global de mercadorias. Referindo-se à descrição densa, no sentido de Geertz, ela assinala que se preocupou em morar alguns meses, tanto no Paraguai e tanto em Hong Kong.

Um dos pontos principais da obra é a descrição do guanxi. Guanxi seria uma malha de relações e influências de reciprocidade entre empresários e autoridades que compõe a elite do país. Existem centenas de fábricas que produzem cópias de produtos originais, e há uma mútua cooperação entre a esfera pública e a esfera empresarial. Apesar de a China ser uma grande produtora, ela ainda preserva essa característica quase tradicional de relações entre empresários e a esfera estatal.

A autora tenta ver esse fluxo global de produtos “made in China” não como algo criminoso, estereotipado, mas como uma cadeia global de mercadorias. Após ter acompanhado essa cadeia, desde a produção, transporte, venda e consumo pode-se perceber que os objetos não são simples materialidades, mas possuem uma vida social e espacial, participam de todo um comércio global. A autora introduz o livro descrevendo sua entrada na China e sua intérprete Feifei, dos perigos que enfrentou e da contribuição que a pesquisa multissituada proporcionou a ela - a noção do todo.

No ponto que a autora descreve as pessoas que participam desse processo, ela discute a questão da consciência que as pessoas têm dessa cadeia global de fluxo de mercadorias. Ela faz uso do conceito de alienação marxista para discutir a vaga noção que as pessoas que participam desse processo têm do todo, ou seja, tanto produtores (empresários e operários), quanto os camelôs não tem consciência de onde vêm e para onde vão os produtos. Apenas os chineses que ela encontrou no Paraguai têm consciência plena de todo o fluxo global de mercadorias, já que eles estão no ponto intermediário da cadeia.

No primeiro capítulo, a autora trata da questão de entrada de campo e dos desafios que ela enfrentou, como o primeiro contato com chineses no Paraguai, as dificuldades de falar e entender a língua e de ganhar a confiança do grupo. Desde o início ela teve de praticar o guanxi, aprender a dominar essa nobre arte do relacionamento social e etiqueta.

Na China os desafios aumentaram: de um lado, havia uma brasileira tentando entrar em fábricas, e conversar com empresários chineses, do outro lado do abismo, como afirma a autora, havia o ritmo frenético de trabalho, tanto dos empresários quanto dos operários. A possibilidade de diminuir esse abismo se deu com Feifei, sua professora de mandarim e informante-chave. Feifei se mostra uma pessoa que conhece muito bem a rede de relações e influências entre os empresários – tão caros à pesquisa da autora. Rosana Pinheiro-Machado conta que Feifei se tornou não apenas sua informante, mas também sua amiga. Ela acionou sua rede de contatos para que a autora posteriormente a estudasse.

Nos capítulos seguintes, a autora explica de que forma ocorreu a entrada de produtos estrangeiros na China, principalmente produtos europeus nos séculos XVIII e XIX. A autora mostra que desde cedo a China realizava intenso comércio com vários países do Ocidente. O forte comércio de chá que ocorreu entre Inglaterra e China, bem como a questão do ópio são debatidos ao longo do capítulo dois.

A autora vê-se obrigada a estudar a história econômica e política da China para entender a atual conjuntura política, econômica e social. Do período em que Mao Tse Tung, passando pela crescente industrialização de certas regiões, a entrada de fábricas estrangeiras (principalmente produtos europeus), revolução cultural, a fabricação de bugigangas, e o crescimento do mercado interno que dentro de alguns anos, segundo a autora, será o maior mercado consumidor do mundo. Por isso o título do capítulo “Do ópio à bugiganga”, pois é exatamente a transição que interessa ser mostrada nesta parte da obra.

Uma das questões que mais geram polêmica quando usualmente se fala em trabalho na China é a questão da exploração da jornada de trabalho e dos direitos humanos. Sem dúvida, este ponto também pôs a autora em uma situação difícil que é de estar "in loco" dentro de uma fábrica chinesa e ver ao vivo e a cores como se dá o processo de produção de mercadorias que são vendidas pelo mundo. Nesse ponto, é descrita a organização das fábricas na China, bem como as condições de trabalho nelas existente.

No quarto capítulo a autora explica a importância do guanxi e as relações sociais, políticas e sociais que ele envolve. A autora recorre a noção de informalidade (p. 146) no que diz respeito a produção de cópias não autorizadas, leis trabalhistas um tanto frouxas, modo de produção intensivo, etc. Parece difícil de entender como uma economia de mercado tão grande e intensa, num país gigante, mantém no cerne de sua unidade de produção, relações de confiança, pacto, ajuda, etc. Isso ao primeiro momento vai totalmente contra a noção de racionalidade comercial capitalista ocidental que estamos acostumados. Segundo a autora (p. 147), “Se discursos oficiais são estritos, as negociações face a face abrem um leque de possibilidades e negociações infundáveis”. Referindo-se ao guanxi, continua a autora (p.147):

É preciso ir além e mostrar como são construídos e negociados, no cotidiano, tais relacionamentos, poderes e códigos de dádivas [...] devemos, portanto, tocar a dimensão material do guanxi – os presentes, as comidas e as bebidas que circulam e mantêm o relacionamento social.

O guanxi é entendido pela autora não como uma característica arcaica prestes a desaparecer, mas sim como um componente importante da economia de mercado chinesa. Apenas foi possível entender a dinâmica de funcionamento do guanxi a partir de uma etnografia microscópica, e a autora afirma que considerou importante participar de reuniões de empresários, mesmo com Feifei querendo fazer sexo com os empresários (e muitas vezes, conseguindo). Descrevendo o guanxi além de um simples sistema de influências e laços, a autora afirma (p.154) que “essa prática implica em conexões pessoais diádicas, que pressupõem uma ética e obrigações” e continua explicando que “o guanxi mistura as dimensões instrumentais e sentimentais, dom e mercadoria, sendo baseado numa ética

afetiva bastante forte” (p.155), por fim “o guanxi deve ser estabelecido e nutrido ao longo do tempo, o que é considerado uma arte: a arte do relacionamento social” (p. 156).

A própria autora conta que teve que criar guanxi para que ela pudesse estudá-lo. Primeiramente acionou Feifei, que era filha de um general aposentado, para que entrasse em contato com policiais e estes com empresários. Dentro de poucas semanas, Rosana Pinheiro-Machado estava entrevistando os empresários que sempre quis conversar e visitando as fábricas que produziam os objetos que iam para o Paraguai e eram vendidos no camelô de Porto Alegre.

Após discutir sobre o guanxi, a autora analisa o sistema de produção e pirataria. Desde o título do capítulo “No mundo nada se cria, tudo se copia” a autora entende a pirataria “não como uma face obscura do sistema mundial capitalista, mas como o seu fruto mais original” (p.185). A autora explica que historicamente a China foi um lugar privilegiado para a produção de cópias e que o preço baixo é fruto do trabalho intensivo e produção em massa. O capítulo cinco reúne observações de campo acerca da produção de cópias e como isso une o Brasil e a China e a intermediação do Paraguai, mostrando a complexidade desse processo e fazendo uma retomada da história econômica da China e discutindo a noção de patentes, pirataria e autenticidade. Conforme Pinheiro-Machado ( p.205):

Esse mercado é viabilizado graças a basicamente dois fatores: as relações pessoais entre empresários e agentes públicos e a extensa e incontrolável cadeia de terceirização. Mais do que uma fábrica pirata, existem várias unidades produtoras de peças, o que significa que boa parte desse mercado se dá por caminhos legais. Argumento que, nesse universo, o que existe são “feixes” de ilegalidade.

Ao final, explica a autora que a divisão entre falso e verdadeiro é muito tênue na China, produtos piratas e originais podendo ser fabricados no mesmo local. A fabricação e montagem de peças é um dos feixes de ilegalidade descritos mais detalhadamente pela autora que não entende a pirataria como um processo que vai ser eliminado, mas sim como algo que vai ser modernizado a medida que o mercado original muda.

Por último a conexão entre China e Paraguai é discutida. Neste ponto, a autora trata da emigração de chineses, seu modo de viver, seu guanxi e como seus negócios são trazidos do oriente para a América do Sul. Chamada de diáspora asiática nas Américas (p.217) esse fenômeno amplo, sem dúvida, faz parte do processo de análise: a conexão entre Brasil-Paraguai-China. Só foi possível compreender como e por que as bugigangas chegam aos camelôs de Porto Alegre (cidade onde na graduação a autora começou a pesquisar sobre esse assunto) fazendo todo o caminho até o Paraguai e deste até a China.

A relação comercial e política entre Taiwan e Paraguai começou nas décadas de 70 e 80 com um amplo crescimento das migrações e o comércio entre os dois países. Taiwan fabricava na época coisas baratas e não licenciadas, e vários taiwaneses que moravam em Ciudad del Este passaram a comercializar os produtos oriundos de sua terra natal. Desse modo iniciou-se a emigração chinesa, ampliando ainda mais o comércio de bugigangas. A situação dos emigrantes chineses na Ciudad del Este, bem como a dinâmica cotidiana de trabalho são descritas na capítulo sete que trás também um pouco da relação entre brasileiros compradores, paraguaios e chineses vendedores de produtos.

No último capítulo, a autora discute a atuação do estado brasileiro para diminuir o contrabando na fronteira com o Paraguai. Nesta parte a autora descreve a fiscalização, os comerciantes, a questão da criminalização da pirataria e do contrabando desta, o trabalho do sacoleiro e novamente o camelódromo de Porto Alegre.

Esse longo processo de pesquisa culmina no lançamento deste livro no qual o processo de produção e circulação de mercadorias “made in China” foi descrito por inteiro. A compreensão desse fenômeno exigiu uma visão ampla de tudo o que acontecia. Foi necessário observar desde o micro até o macro, fatores locais até globais. O livro não é um ponto de chegada, mas um ponto de partida para que as Ciências Sociais brasileiras consigam estudar não apenas fenômenos locais, mas para que também desenvolvam perspectivas mais amplas que se dirigem às relações globais de coisas, pessoas e guanxi. 🌐

\*Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Maria. E-mail: [lizandrolui@hotmail.com](mailto:lizandrolui@hotmail.com)

Recebido em 16 de outubro de 2012

Aprovado em 6 de maio de 2013